

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES DE ENSINO APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR

Raquel Valesca Medeiros de Lima¹; Fernanda Fernandes da Silva²; Robécia Graciano de Souza³; Jacylene Melo de Oliveira Araujo⁴(Orientador)

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte :diretoria@ce.ufrn.br; raquelvalesca@gmail.com¹
nandafernandes363@gmail.com²; robeciagraciano@yahoo.com.br³; jacyleneufrn2@gmail.com⁴*

RESUMO: O trabalho possui como enfoque principal, a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando de que forma o ato de lecionar ou a abordagem do professor para com o aluno contribui ou não no rendimento escolar como um todo. Essa análise fundamenta-se na vivência relatada e nos autores citados, tendo como por objetivo desmistificar a ideia de que a afetividade não interfere no desenvolvimento cognitivo do aluno, mostrando situações reais e fundamentações teóricas que possibilitam a compreensão de que a forma com que o professor estabelece sua relação com a criança, influencia diretamente em seu rendimento escolar. A experiência foi realizada com uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental I, na Escola Conhecer Educacional localizada em São José de Mipibu/RN. O embasamento teórico relacionado às práticas educativas é abordado para que haja uma compreensão mais ampla acerca dos elementos que compõem a questão norteadora do trabalho, proporcionando uma análise e uma reflexão mais aprofundada em cima do que é exposto. Compreender que um ambiente adequado potencializa a aprendizagem, é entender que a ação docente pautada no afeto entre as interações, promove a aceitação, a cooperação, e a segurança individual, com o grupo e com o professor. Dessa forma, foi exposto à troca de ensinamentos que podem ser proporcionados entre alunos e professores, e o quanto cada um pode somar ao outro, seja de forma cognitiva ou emocional.

Palavras Chave: Afetividade. Relação interativa. Processo ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O afeto está presente na vida das crianças em suas casas, nas relações entre os amigos, porém ainda se observa um distanciamento nas relações professor/aluno. Entretanto, existem estudos significativos na área de educação que nos fazem refletir sobre a importância de estabelecer uma relação afetiva com os educandos. Para Paulo Freire a “educação é um ato de amor”, na perspectiva de que o homem é um ser inacabado e que deve estar sujeito a aprender com o outro e à dialogar com os diversos aprendizados. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (FREIRE, 1987, p. 79-80). Partindo desse pressuposto, também

será abordada a concepção de Johann Heinrich Pestalozzi, que idealizava uma escola pensada como extensão do lar, para proporcionar um ambiente familiar e inerente de segurança e afeto. Assim, embasando-se nas ideias acima expostas, verificaremos de que forma essas e demais linhas de pensamento podem contribuir para a prática docente e para o estreitamento da relação professor/aluno. Além disso, haverá veementemente a relação entre teoria e prática, em todos os relatos presentes ao longo do trabalho.

A didática tradicional, pautada na relação verticalizada entre professor e aluno, infelizmente ainda se faz presente nos dias atuais, mesmo com a abrangência de novos enfoques educacionais que foram sendo incorporados ao longo da história. A partir disso, e das dificuldades cognitivas e emocionais enxergadas na turma apresentada neste trabalho, houve a necessidade de um estudo mais aprofundado acerca da contribuição da afetividade para o processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, as atividades realizadas deveriam apresentar um objetivo bem maior do que somente o enfoque nos conteúdos, e a relação entre professor e aluno deveria ser trabalhada para tornar-se cada vez mais horizontal.

Com base nos estudos em Paulo Freire e em sua visão da amorosidade no contexto de sala de aula, percebemos a importância desse fator na prática docente, pois na educação, a amorosidade se constrói pelas relações de ensino e de aprendizagem dialógicas e respeitadas, promovendo a construção de conhecimentos baseados na vivência, nos valores e no acolhimento do outro, fazendo uma junção entre a humanização e o desenvolvimento cognitivo, indo muito além de um conceito emocional que diverge da razão, pelo contrário, ambos andam lado a lado na relação dialógica que deve se fazer presente entre alunos e professores.

Nesse sentido, a amorosidade em Freire, como propõe Andreola (2000) deve ser pensada:

[...] sem esquecer as perspectivas da inteligência, da razão, da corporeidade, da ética e da política, para a existência pessoal e coletiva, enfatiza também o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, da vontade, da decisão, da resistência, da escolha, da curiosidade, da criatividade, da intuição, da esteticidade, da beleza da vida, do mundo, do conhecimento. No que tange às emoções, reafirma a amorosidade e a afetividade, como fatores básicos da vida humana e da educação (ANDREOLA, 2000, p. 22).

Por isso, a importância de promover esse estudo, levou-nos a materializá-lo por meio desse projeto, a importância de um ensino aberto para todas as possibilidades e particularidades que podem surgir no contexto de sala de aula, e de que forma o docente deve se colocar em relação a isso. Com base no supracitado, foi construído um trabalho que teve por objetivo desmistificar a ideia de que a afetividade não interfere no desenvolvimento

cognitivo do aluno, mostrando situações reais e fundamentações teóricas que possibilitam a compreensão de que a forma com que o professor estabelece sua relação com a criança, influencia diretamente em seu rendimento escolar.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado na escola Conhecer Educacional, localizada na cidade de São José de Mipibú - RN, com a turma do terceiro ano, do ensino fundamental I. Alguns educandos estavam com o estigma de que não conseguiam aprender, outros como indisciplinados ou desinteressados. Nas primeiras semanas de aula, notou-se um grande desinteresse por parte de alguns alunos, falavam muito alto, não aceitavam ser contrariados, ou simplesmente não realizavam as atividades.

Inicialmente foi realizado um trabalho para diagnosticar as causas daquele comportamento. O que levava aquelas crianças a serem tão agressivas? Por que algumas eram tão seguras de si, e outras tinham tanto medo? A partir daí cada educando foi avaliado individualmente, respeitando os limites de cada um, valorizando os saberes já adquiridos anteriormente e o conhecimento de mundo. E aos poucos observou-se o quanto algumas crianças eram carentes de atenção, algumas tinham os brinquedos mais modernos e não tinham afeto em casa. Frases como “Tia, queria que a minha mãe conversasse comigo como você conversa” ou “Tia, na minha casa ninguém me abraça” eram bem comuns.

Diante disso, as atividades passaram a ser pensadas de forma que os educandos construíssem relações de afeto tanto com o docente, quanto com os demais colegas, como aulas de campo (FIGURA 01), dinâmicas envolvendo cooperação, atividades em grupo em que todos precisavam concluir juntos, produções textuais voltadas para os sentimentos das crianças sobre diversas áreas (escola, família, amigos, etc).



FIGURA 01: Aula de campo na aldeia indígena do CATU/RN.

FONTE: Os autores 2017

Além disso, foram desenvolvidas atividades propostas pelos próprios educandos (FIGURA 02), com temas e formas de exposição escolhidas entre eles. Para que pudessem sentir-se importantes no processo de construção do conhecimento. E também, brincadeiras direcionadas, e momentos lúdicos com o objetivo de promover a aproximação horizontal do grupo.



FIGURA 01: Apresentação de trabalho sobre a importância da mulher para a sociedade.

FONTE: Os autores 2017

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a observação, notou-se uma segmentação entre meninos e meninas. Eles tinham em mente que elas não podiam brincar em grupo, pois eram frágeis. Durante a realização de um trabalho de pesquisa, todas as crianças deveriam falar sobre uma mulher com grande notoriedade na história e nos mostrar qual era a importância da mulher na sociedade. A partir daí, foi sendo construído o elo de amizade entre os meninos e as meninas, em que todos poderiam brincar juntos de igual para igual. Diante desse início de desmistificação de ideias e já na prática das atividades em grupo os discentes já interagiam uns com os outros. Os que tinham um pouco mais de domínio em determinado conteúdo, era agrupado com os que tinham menos domínio. Fazendo com que um ajudasse o outro e construíssem relações de amizade e companheirismo.

A motivação intrínseca proporciona a sensibilidade no aluno de que “a participação na tarefa é principal recompensa, não sendo necessárias pressões externas, internas ou prêmios por seu cumprimento” (BUROCHOVITCH, BZUNECK 2004, p. 37). A aula de campo foi realizada em uma aldeia indígena, para que os educandos conhecessem um pouco mais da cultura deles e de como eles trabalham bem em grupo. Além de perceberem a relação de afeto existente entre os habitantes da aldeia, onde todos colaboram para o bem estar coletivo.

Com essa experiência, podemos notar o quanto a afetividade impacta na aprendizagem das crianças. A mente delas ainda não sabe lidar com as angústias, os medos e as incertezas da vida. E muitas vezes, esses sentimentos são postos para fora em forma de rebeldia, ou de desinteresse pela escola. O professor, precisa enquanto mediador do conhecimento ser uma peça fundamental nesse processo de descoberta para auxiliar o educando a compreender o que se passa na vida dele, por quais dificuldades ela vem passando e como ele vai ter que lidar com determinadas situações. “Para que haja um desenvolvimento harmonioso é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança que é o amor. (...) O professor, na sua responsabilidade e no seu conhecimento da importância de sua atuação; pode produzir modificações no comportamento infantil, transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar. Estabelecerá, assim, de forma correta, o seu relacionamento com a criança, levando-a a vencer suas dificuldades” (SOUZA, 1970).

Com base na dimensão humanista, tendo a relação interpessoal como o centro do processo observamos o quanto o processo de ensino-aprendizagem está relacionado ao relacionamento humano, pelo fato de o processo educativo seguindo esse pensamento, ver a aprendizagem como humanização e como possibilidade para os alunos, possibilidade dos indivíduos avançarem em direção àquilo que podem ser, desenvolvendo potencialidades, conhecimentos e capacidade de assumir seu lugar junto aos demais, com respeito e sem nenhum tipo de egoísmo.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, para que o professor possa ter êxito em suas práticas educacionais, faz-se necessário que ele conheça os seus alunos e estabeleça uma relação de afeto com eles. De modo que os discentes possam ser ouvidos, compreendidos, aceitos e valorizados para que estabeleçam uma relação de confiança com o docente e juntos possam dialogar e encontrar estratégias para superar as dificuldades do processo de ensino aprendizagem.

Portanto, é relevante que a relação de afetividade entre o docente e o educando é um elemento indispensável ao processo de ensino aprendizagem e contribui diretamente para o sucesso escolar das crianças, pois segundo Pestalozzi “o amor é o eterno fundamento da educação”.

REFERÊNCIAS

BORUCHOVITCH, E. BZUNECK, J. A. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CANDAU, Vera Maria - **A Didática em Questão** - Editora Vozes: 1984 – Petrópolis

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

SOUZA, Iracy Sá de. **Psicologia: a aprendizagem e seus problemas**. 2ªed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970.

TONIOLO, Joze Medianeira dos Santos de Andrade. **Diálogo e amorosidade em Paulo Freire: princípios às atitudes na formação de professores**. Santa Maria (RS): UFSM, 2010.

VANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. Allan Kardec. **O Educador e o Codificador**. Vol. I. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.